



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Andressa Evelin Z. Valenti

**A iconografia de Santa Catarina de Alexandria
no estado brasileiro de Santa Catarina**

Brasília

2021

Andressa Evelin Z. Valenti

**A iconografia de Santa Catarina de
Alexandria no estado de brasileiro de Santa
Catarina**

Trabalho de conclusão de curso
de Teoria, Crítica e História da
Arte do Departamento de Artes
Visuais do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.
Orientador: Gustavo Lopes de
Souza

Brasília

2021

Agradecimentos

Agradeço a Universidade de Brasília pelas oportunidades oferecidas durante todo o tempo que estive na instituição.

Ao meu orientador Gustavo Lopes de Souza pela paciência e tempo despendido em função desta pesquisa.

A minha família, em especial à minha avó, Roselinda Valenti, que acompanhou todo o processo de escrita deste trabalho e possibilitou que o processo fosse mais cômodo.

Aos muitos amigos que me acompanharam nessa trajetória, com ênfase para: Davi Moura, Gabriel Aciolli, Kelvin Gonçalves, Vitor Torres, Wellington Oliveira, Yuri Veras e Gabriel Kulmann, sendo que os dois últimos ajudaram com consultorias nos horários mais inoportunos e fotografias importantes. Os outros, embora não tenham participado ativamente do trabalho, sempre foram companhias importantes.

Por último, gostaria de agradecer ao meu gato Lestat, que efetivamente não ajudou em nada mas esteve comigo em todos os momentos.

Resumo

Este trabalho discute a iconografia de Santa Catarina de Alexandria e seus reflexos em suas representações no estado brasileiro de Santa Catarina. O primeiro capítulo busca constituir uma pesquisa linear de sua iconografia no decorrer da história, com foco nas representações europeias e brasileiras. O segundo capítulo discute o culto à santa no estado de Santa Catarina, e o terceiro capítulo discute a iconografia desenvolvida por três artistas que produzem sua arte neste recorte espacial.

Palavras-chave: Iconografia, Santa Catarina de Alexandria, Rodrigo de Haro, Albertina Prates, Vera Sabino.

Abstract

This paper discusses St. Catherine of Alexandria's iconography and its presence in the art produced at the Brazilian state of Santa Catarina. The first chapter presents a linear research of Katherine's iconography, focusing on her European and Brazilian depictions. The second chapter discusses St. Catherine's Cult at the state of Santa Catarina, and the third chapter discusses the iconography developed by three artists that work in this state.

Keywords: Iconography, Saint Catherine of Alexandria, Rodrigo de Haro, Albertina Prates, Vera Sabino.

Sumário

Agradecimentos 2

Resumo e Abstract 3

Introdução 5

**Capítulo 1 - A iconografia de Santa Catarina
de Alexandria: um panorama histórico 9**

**Capítulo 2 - Santa Catarina de Alexandria na religião
e na cultura do estado de Santa Catarina 27**

**Capítulo 3 - Santa Catarina de Alexandria na obra
de três artistas residentes em Santa Catarina 38**

Albertina Prates 38

Vera Sabino 53

Rodrigo de Haro 62

Considerações iconológicas 68

Considerações finais 73

Bibliografia 75

Introdução

Personagens sacras tais como deuses e santos são, constantemente, dotadas de atributos em suas representações. Isso significa que, ao criar uma dessas imagens, os artistas as dotam de motivos tradicionais que permitem identificar quem está sendo representado. Um exemplo claro disso são as figuras marianas: quando falamos da Virgem Maria, no cristianismo, a imagem que vem mais instantaneamente à cabeça é uma mulher vestindo um manto azul. Essa peça de vestimenta, no caso, é atributo de Maria e a torna facilmente reconhecível.

É importante pensar, também, outras representações de personagens bíblicos. Um exemplo relevante para este tipo de estudo é o de Judite. O atributo mais básico desta personagem é uma cabeça em um saco. Apesar disso, em algum momento, a representação de Judite passa a ser comum também com uma cabeça sobre uma bandeja. A problemática desta alteração de representação, porém, é um pouco mais complexa do que isso. Há outra personagem bíblica que também possui este atributo, sendo esta Salomé. A significação religiosa das duas não poderia ser mais diversa. Enquanto Judite é tida como uma representação de coragem, Salomé é tida como uma representação de covardia. Para que a interpretação de uma imagem como essa seja feita corretamente, então, é necessário que se leve em conta outros atributos: Judite carrega uma espada, símbolo de coragem, o que seria inviável para uma personagem como Salomé (PANOFSKY, 2017).

Com este exemplo, dado pelo próprio criador do método iconológico, exemplifica-se um modo de estudo de arte com base em seu significado convencional predominante em uma cultura de um período passado. Panofsky foi um importante historiador da arte e criador do método iconológico, que consiste no estudo da história da arte com base na interpretação de elementos expressos na imagem. Esse estudo é feito a partir da cultura em que a obra está

inserida, de modo que, em geral, é possível entender o motivo de cada um dos elementos ter o significado relevante no contexto estudado.

A partir daí, pode-se estudar diversos temas da história da arte, sendo que comumente esse método seja bastante usado para figuras religiosas devido à facilidade de compreensão dessas imagens. Apesar disso, é necessário vincular esse tipo de estudo a outro quando se estuda, por exemplo, a imagem de algum santo: o hagiográfico.

Hagiografias são histórias da vida dos santos, às quais a iconologia frequentemente recorre para basear suas afirmações. Os atributos são profundamente baseados na hagiografia do personagem. No caso de Maria, ela passa a vestir a cor azul pela associação desta cor ao luto no contexto do crescimento do culto mariano, o que seria relevante tendo em vista que Maria está enlutada por seu filho devido ao seu futuro desde o momento em que Ele nasce, e porque o azul era uma cor cara de se fazer e, portanto, nobre, o que a tornava boa para a representação de figuras importantes, como é o caso de Maria (PASTOUREAU, 2002).

A iconografia e as hagiografias permitem estudar as representações de outros santos, como é o caso de Santa Catarina de Alexandria.

Nascida em família rica no ano 287, Catarina de Alexandria sempre teve acesso aos estudos, sendo versada nas sete artes liberais. Aos 18 anos, já não tinha os pais vivos e já tinha se convertido ao cristianismo, sendo que algumas de suas hagiografias descrevem esse momento como um casamento místico entre Catarina e Jesus (CAPGRAVE, 1999). A maior parte de suas hagiografias, como a de Jacopo de Varazze, porém, se refere apenas ao momento do martírio, quando Catarina é presa pelo imperador, possivelmente Maximino, por se recusar a prestar sacrifício aos deuses pagãos e negar sua cristandade. A partir daí, passa por várias provações, como discutir com vários filósofos que tentaram converter Catarina e acabaram sendo, eles mesmos, convertidos por ela, a partir de sua capacidade de oratória. Além disso, foi condenada à roda, instrumento de tortura, que foi quebrada pelos anjos assim que Catarina a tocou. Por fim, foi executada por decapitação, sendo que de seu

pescoço jorrou leite quando sua cabeça foi cortada, e seu corpo foi levado ao monte Sinai pelos anjos.

Considerando o extenso período de martírio desta santa, é de se esperar que a iconografia possua muitos objetos remetentes a ela, e esse é, realmente, o caso. Seu atributo principal é a roda, objeto de tortura ao qual foi condenada, sendo que também são comuns representações da santa acompanhada por filósofos, segurando livros, portando uma coroa e, ainda, segurando uma espada. Além de todos esses atributos, um atributo comum de Catarina é a folha de palma, comumente carregada por santos mártires.

Esses atributos mudam conforme o local em que a imagem foi feita, bem como também se alteram conforme o momento em que a obra foi feita. Entretanto, os atributos de uma mesma figura religiosa, assim como seu reconhecimento, podem variar de acordo com seu contexto cultural. A construção do imaginário cristão no Brasil provém, em grande medida, da Europa ocidental. Quem trouxe o cristianismo para o Brasil veio dessa região e, portanto, o modo como a religião e o que mais for relacionado a ela é diretamente relacionado ao modo como é vista por quem a trouxe, mesmo que haja adaptações culturais que acontecem a partir do local em que a religião se desenvolve posteriormente. Deste modo, temos como noção sólida que a imagem de Maria veste um manto azul, embora nas representações orientais ela vista geralmente mantos vermelhos. Apesar disso, é importante ressaltar que a iconografia não parece estática na cultura que a recebe. Um exemplo disso são os anjos arcabuzeiros feitos no Peru durante a época colonial¹.

Os desdobramentos da iconografia de Santa Catarina de Alexandria iconografia são extensos, visto que a história da santa é antiga, e a representação mais antiga encontrada durante a condução deste estudo é do século X. De lá até a atualidade, diversas modificações podem ser constatadas na iconografia da santa, dependendo do artista e da época em que a santa foi representada, de modo que é possível entender o pensamento relacionado às figuras religiosas de cada época e lugar.

¹ A representação dos anjos arcabuzeiros consiste na substituição da espada tradicional na representação dos anjos por um arcabuz e foi bastante comum durante o período colonial na América do Sul. É um tema especialmente característico na escola cusquenha de pintura.

No Brasil, Santa Catarina de Alexandria é particularmente popular no estado de Santa Catarina, que tem a santa como sua padroeira. Essa popularidade se reflete na forte presença da Santa Catarina de Alexandria na arte produzida do estado. Além da arte sacra presente nas igrejas, outras representações também se destacam, sobretudo no conjunto da obra de três artistas residentes no estado: Albertina Prates, Vera Sabino e Rodrigo de Haro. Para a execução do presente trabalho, foram considerados esses três artistas visto que suas obras apresentam alterações marcantes na iconografia da santa estudada, além da importância dos artistas. As representações de Santa Catarina de Alexandria em obras desses artistas são o foco principal do presente estudo.

Este estudo busca, assim, contribuir para a sistematização da iconografia brasileira de Santa Catarina de Alexandria, tema ainda pouco estudado na academia. Busca-se, aqui, discutir as semelhanças e as diferenças e as semelhanças entre as Catinas europeias e as catarinenses, iluminando as características e os significados destas últimas.

Capítulo 1

A iconografia de Santa Catarina de Alexandria: um panorama histórico

Embora o primeiro registro de hagiografia de Santa Catarina de Alexandria date do século VI (PETRY e ZIVIANI, 1979), não foi possível encontrar, até o presente momento, imagens anteriores ao ano 1000, momento em que há uma representação de Catarina de Alexandria no códice denominado Menológico de Basílio II (Figura 1). O texto trata-se de um sinaxário, ou seja, uma compilação de hagiografias comumente utilizada pela Igreja Ortodoxa e pela Igreja Católica Oriental.

Dentre os santos representados, está Santa Catarina de Alexandria, embora sua iconografia ainda esteja distante do que passou a ser com o passar dos séculos na Europa Ocidental.



Figura 1. Santa Catarina de Alexandria. Menologion de Basil II, página 207 – Biblioteca do Vaticano. C. 1000. Fonte: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/Menologion_of_Basil_II/media/File:Catherine_of_Alexandria_\(Menologion_of_Basil_II\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Menologion_of_Basil_II/media/File:Catherine_of_Alexandria_(Menologion_of_Basil_II).jpg)>. Acesso em 17/03/2021.

Na imagem, é possível ver 11 pessoas, todas dotadas de halos ao redor da cabeça, que são imoladas com expressões neutras. Esses são os filósofos que se converteram ao cristianismo a partir das conversas com Santa Catarina ao serem chamados para confrontá-la sobre suas crenças e, devido à conversão, foram condenados à morte. À frente deles, encontra-se uma mulher ajoelhada, também dotada do halo, além de uma coroa. Essa é Santa Catarina de Alexandria, prestes a ser decapitada por seu algoz, que se encontra logo atrás dela brandindo uma espada. No céu, localizada na parte superior esquerda da iluminura, está uma mão saindo de uma nuvem. Esse era o modo habitual de representar a Deus nas pinturas, de modo a expressar que toda a cena transcorre em Sua presença (LE GOFF, 2017). Além disso, há um monte que possivelmente se trata do Sinai no lado direito da imagem.

Os elementos da imagem todos são reconhecíveis da hagiografia de Santa Catarina de Alexandria, sendo que alguns desses elementos se mantiveram recorrentes, outros mudaram com o decorrer do tempo.

Os filósofos aparecem com certa frequência, embora a representação de seu martírio não seja habitual. Além disso, a espada também é um atributo de Catarina, embora torne-se comum apenas depois do século XV e sendo empunhada pela própria Catarina. A mão de Deus parece ser rara na iconografia da santa estudada até o século XIII, embora seja comum no contexto geral da iconografia cristã, quando aparece em uma representação datada do último quarto desse século (figura 3). O atributo principal de Santa Catarina de Alexandria, porém, é a roda, que nesta imagem aparece apenas como o motivo da vestimenta da santa.



Figura 2. Martírio de Santa Catarina de Alexandria. Notre Dame le Puy. Século XIII. Fonte: <<https://en.wikipedia.org/wiki/File:Catherine.Wheel.jpg>>. Acesso em 17/03/2021.

No afresco encontrado no interior de uma igreja francesa (figura 2), permaneceu apenas o halo ao redor da cabeça da santa e as espadas nas mãos

dos anjos. A cor da vestimenta de Catarina foi alterada e, além disso, o atributo que passa a ser o principal da santa já é representado: a roda dentada, um dos elementos relevantes do martírio da santa.

Outra imagem, também do século XIII, exhibe elementos ligeiramente diferentes.



Figura 3. Santa Catarina de Alexandria. Horas de Harley, uso de Sarum. Século XIII. Fonte: <<http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=8849&CollID=8&NStart=928>>. Acesso em 17/03/2021.

A roda é uma constante, embora a roda desta outra representação apareça quebrada. Ao redor da santa, encontram-se os filósofos que foram convertidos por ela. Sobre a cena, encontra-se uma mão, indicando que Deus estava presente durante toda a cena. É relevante considerar, também, que esta iluminura se encontra dentro de uma capitular, a letra “o”, que também se trata de um motivo redondo.

As imagens do século XIV apresentam algumas diferenças relevantes. A folha de palma passa a ser um tema recorrente, e passa a ser comum que Catarina seja representada segurando um livro (figura 4). Embora a coroa não seja constante, a maior parte das imagens produzidas durante esse século traz

a santa representada com ela, enquanto no século anterior esse tema parece ter sido deixado de lado. É comum, também, que a roda não seja representada, sendo visível que o livro, neste momento, é um atributo mais importante. Neste contexto, era comum que o livro fosse atribuído a virgens mártires de modo a causar identificação entre estes personagens e mulheres reais que liam livros. Além disso, e ainda por esse motivo, os objetos do martírio nem sempre eram representados e, quando eram, com pouca importância (STOLLHANS, 2007).



Figura 4. Virgem Mártir Coroada – Berenardo Daddi. 1334 - 1338. Fonte: <
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bernardo_daddi_santa_caterina_d%27alessandria_1340_ca..JPG>. Acesso em 17/03/2021.



Figura 5. Santa Catarina de Alexandria – Livro de horas, uso de Roma. C. 1430 – c 1450. Fonte: <
<http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=7992&CollID=8&NStart=2962>>.
Acesso em 17/03/2021.

Durante o século XV, a iconografia de Santa Catarina de Alexandria já parece mais consolidada. A roda passa a ser uma constante, sendo raríssimos os exemplos em que ela não existe. O livro ainda aparece com certa frequência, embora não seja algo tão comum quanto foi no século XIV, e um objeto passa a ser introduzido na iconografia com cada vez mais recorrência: a espada, dessa vez portada pela própria Catarina.

Outro elemento relevante que passa a aparecer no século XV é a imagem de Catarina de pé sobre Maximino² (figura 5), o imperador que demandou sua execução. Além disso, esse tema que expressa a vitória de Catarina parece ter assumido a importância que a palma do martírio tinha anteriormente, visto que este motivo passa a ser menos usado no decorrer deste século.

Durante o século XVI, a representação de Catarina de pé sobre Maximino persiste, embora em menor proporção, de modo que o ápice desse motivo iconográfico parece ter sido o século XV. A roda segue sendo o principal atributo da santa, sendo que ela aparece em todas as imagens deste século estudadas, e a espada também é um motivo frequente, mesmo que não apareça em todas as representações. Assim como a espada, a coroa também é recorrente com bastante frequência. A palma do martírio aparece bastante, embora em vezes mais escassas, e o motivo do livro (figura 6) parece perder importância neste contexto, visto que suas ocorrências são bem mais escassas que todos os outros temas iconográficos de representação de Santa Catarina de Alexandria. Pode ser que essas alterações se deem ao período artístico, do maneirismo e do barroco, que enfatizava a tortura e o sofrimento dos santos, o que justifica a presença de elementos utilizados para o martírio de Santa Catarina em detrimento de elementos relacionados à sua vida intelectual, como é o caso do livro.

² No texto de Jacopo de Varazze, o autor afirma que há dúvida sobre Catarina ter sido martirizada por Maxêncio ou por Maximino. Neste texto, optou-se por escrever o nome "Maximino" visto que Varazze encerra seu capítulo sobre Santa Catarina de Alexandria afirmando que alguns autores acreditam que escrever Maxêncio em vez de Maximino se trata de erro do copista.



Figura 6. Santa Catarina – Bernardino Luini. C. 1527 – c 1531. Fonte: <
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bernardino_Luini_-_Saint_Catherine_-_WGA13757.jpg>. Acesso em 17/03/2021.

Vale ressaltar que a figura dos anjos também passa a aparecer, mas não se torna recorrente. A presença de Deus também é relevante em algumas das obras, embora o modo como ela se dê seja ligeiramente diferente do que acontece em exemplos de séculos anteriores. Em vez da tradicional mão aparente através das nuvens, em algumas obras se trata apenas de um raio de luz que vem da parte superior da obra. Em um caso específico, *Santa Catarina de Alexandria na prisão*, de Paolo Veronese (figura 7), a presença do Espírito Santo torna-se ainda mais clara.



Figura 7. Santa Catarina de Alexandria na Prisão – Paolo Veronese. C. 1580 – c 1585. Fonte: < <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/438134>>. Acesso em 17/03/2021.

Nessa obra, Catarina encontra-se numa cela e segura a palma do martírio enquanto se recosta sobre algo que parece ser a roda. Além disso, sobre sua mão direita está uma pomba branca, a tradicional representação do Espírito Santo, possivelmente uma alusão à parte de sua hagiografia em que a santa é alimentada pelo Espírito Santo quando está presa.

Durante o século XVII, a palma volta a adquirir importância determinante. Embora o símbolo principal se mantenha sendo a roda, pouquíssimas obras não exibem a folha de palma. Além disso, a espada é um objeto que parece perder importância, visto que suas ocorrências passam a dar espaço às folhas de palma. É relevante comentar que em uma das obras estudadas, *O Martírio de Santa Catarina de Alexandria*, de Guido Reni (Figura 8), a aparição da espada é semelhante à aparição da primeira obra, na qual quem a empunha é o algoz.



Figura 8. O Martírio de Santa Catarina de Alexandria – Guido Reni. 1604 – 1606. Fonte: <
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guido_Reni_-_The_Martyrdom_of_St_Catherine_of_Alexandria_-_WGA19288.jpg>. Acesso em 17/03/2021.

Apesar disso, a imagem difere bastante da primeira não só por esse motivo. Aqui, há a presença de anjos que coroam Catarina, e a roda não é apenas um motivo da padronagem da roupa da santa, visto que aparece quebrada a seu lado. A folha de palma aparece, também, na mão de um dos anjos.

A partir do século XVIII as representações de Santa Catarina de Alexandria passam a ser bastante escassas. Tendo em vista essa escassez, não é possível determinar de forma sólida qual é a frequência de cada motivo iconográfico, mas é possível definir que a roda segue possuindo importância central. Nem a palma nem a espada aparecem em todas as obras, mas os dois objetos parecem ter igual relevância. Além disso, um tema novo parece adquirir certa relevância: os anjos levando o corpo de Catarina para o Sinai (Figura 9). É digno de nota que Catarina não está decapitada nas imagens que representam este tema.



Figura 9. O Funeral de Santa Catarina – século XVIII. Fonte: <<https://www.bonhams.com/auctions/11337/lot/264/>>. Acesso em 16/03/2021.

A partir do século XIX, o tema de Catarina sendo levada ao Sinai é recorrente. Embora as imagens de representação de Santa Catarina de Alexandria não sejam tão escassas quanto foram no século XVIII, elas também não eram tão comuns quanto em séculos anteriores. Nesse momento, a palma e a espada são elementos que parecem possuir a mesma relevância, embora não estejam sempre presentes. Além disso, dessa vez, a representação de Catarina sem a roda parece ser relativamente comum, embora também não seja regra. Aqui, é possível ver certa valorização e do fantástico, assim como era recorrente no momento artístico deste século.



Figura 10. O Transporte Miraculoso do corpo de Santa Catarina - Henri Lehmann, 1839, Fabre museum. Fonte: < <https://katakombe.org/gallery/image/miraculous-transport-body-stcatherine-henri-lehmann1839-fabr.9VrZo>>. Acesso em 17/03/2021.

Nessas imagens, é comum que os anjos carreguem os atributos de Catarina, como a parte da roda e a folha de palma (Figura 10). É relevante comentar que Catarina aparece com a cabeça no corpo, apesar de que a hagiografia determina que seu corpo foi carregado ao Sinai pelos anjos após a decapitação. De qualquer forma, mesmo que essa seja a temática mais recorrente para a representação de Santa Catarina de Alexandria no século XIX, é importante comentar que sua iconografia tradicional parece não exercer o mesmo peso dos séculos anteriores, visto que muito comumente os objetos principais se desconectam de Catarina (Figura 11).



Figura 11. Condessa de Pagès, nascida de Cornellan, como St. Catarina – Joseph- Désiré Court, 1820 - 1850. Fonte: < https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Josepg_D%C3%A9sir%C3%A9_Court_001.jpg>. Acesso em 17/03/2021.

A partir do século XX, é bastante difícil encontrar imagens que representem Santa Catarina de Alexandria fora de contextos específicos. A maior parte das imagens religiosas deste século se trata de cópias de imagens de séculos anteriores. É comum, também, que haja imagens em estilo bizantino, seja porque o culto a Santa Catarina de Alexandria parece existir com mais força no Oriente, seja porque esse estilo é popular em imagens católicas produzidas atualmente.

Quanto às representações brasileiras da santa, a mais antiga dentre aquelas preservadas se encontra no Museu de Arte Sacra de Santos, SP (Figura 12). Datada de aproximadamente 1540, essa imagem em madeira policromada foi encomendada por um casal de portugueses, Luiz de Góes e Catarina Andrade de Aguillar, e destinada à primeira igreja construída na Vila de Santos. Em 1591, corsários ingleses saqueiam a Vila, destruindo a igreja e lançando ao mar a imagem de Santa Catarina. O reaparecimento de imagem, encontrada em 1663 por escravos que estavam pescando, foi considerado milagroso e contribuiu para a devoção popular à santa. (MUSEU DE ARTE SACRA DE SANTOS, s.d.).



Figura 12. Santa Catarina de Alexandria, c. 1540.
Fonte: <<http://mass.org.br/acervo/imaginaria/>>. Acesso em 20/05/2021.

Iconograficamente, a imagem não se desvia da tradição europeia, portando a espada em uma das mãos e, quase certamente, a roda – hoje desaparecida – na outra. Essa proximidade em relação à iconografia europeia se verifica, de um modo geral, nas representações da santa encontradas na arte sacra brasileira, a exemplo do busto-relicário em barro cozido atribuído a Frei Agostinho da Piedade e datado de c. 1630 (Figura 13) e, para citar um exemplo contemporâneo, da santa que encontramos em um mural na igreja Comunidade de Santa Catarina de Alexandria em Barreiras, BA (Figura 14).



Figura 13. Busto-relicário atribuído a Frei Agostinho da Piedade e exposto no Museu de Artes Sacra da UFBA. C. 1630. Fonte: <<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/frei-agostinho-da-piedade-2/>>. Acesso em 21/05/2021.



Figura 14. Santa Catarina de Alexandria pintada em mural na igreja da Comunidade de Santa Catarina de Alexandria em Barreiras, BA. Fonte: página da comunidade no Facebook - <<https://www.facebook.com/comsantacatarina/photos/pcb.2546896308948490/2546896005615187/>>. Acesso em 20/05/2021.

Como se verá no capítulo 3, a adesão à tradição iconográfica não necessariamente ocorrerá em representações profanas da santa. Antes de passarmos a este ponto, entretanto, cabe destacar um interessante desdobramento, especificamente latino-americano, da iconografia de Santa Catarina de Alexandria. Esse desdobramento se funda na percepção, por parte de pelo menos alguns praticantes ou interessados em religiões de matriz africana, de que existe um sincretismo entre a orixá Obá, esposa de Xangô, e Santa Catarina de Alexandria. O fundamento histórico desse sincretismo é incerto; o etnólogo Pierre Verger afirmava, em 1981, que Obá era sincretizada com Santa Catarina, mas que não se sabia com qual delas, se Santa Catarina de Alexandria, de Siena, de Gênova ou de Bolonha (VERGER, 2013). De todo modo, a percepção contemporânea do sincretismo entre Obá e Santa Catarina de Alexandria se manifesta com certa frequência em diversos *sites* e páginas na Internet³. A iconografia de Obá, entre cujos atributos se contam uma espada e (pelo menos em representações recentes) uma roda, não ficou incólume a esse sincretismo. A roda da orixá, por exemplo, torna-se uma roda dentada em um molde de silicone para a produção de artesanato de temática afro-brasileira em uma loja *online* (Figura 15).

³ Exemplos: “Outrora A Senhora Obá era sincretizada com Santa Catarina de Alexandria, Santa Joana Joana d’Arc e Nossa Senhora dos Prazeres.” (WLADMIR, 2012). “Obá, no Batuque é o Orixá feminino associado as lutas, seu ritual se perdeu com a falta dos antigos sacerdotes, não é muito fácil encontrar filhos de Obá. dia da semana na nação Ijexá é segunda-feira, cor é o rosa, e é sincretizada com Santa Catarina de Alexandria.” (NEÓFITO DA LUZ, 2015). “Ela [Obá] é sincretizada com Santa Catarina, mas, como existem muitas com este nome, não se sabe ao certo se trata de Santa Catarina de Alexandria, de Bolonha, de Gênova ou de Siena.” (CANDOMBLÉ DA BAHIA, 2012). Este trecho consiste de uma citação literal do livro de *Orixás*, de Pierre Verger. “No Brasil é sincretizada com Santa Catarina de Alexandria, comemorada em 25 de novembro, e com Santa Joana d’Arc.” (FANTASTIPÉDIA, s/d).



Figura 15. Molde de silicone para produção de rodas de Obá. Fonte: <<https://amordebiscuit.loja2.com.br/9493144-AB327-Roda-Orixá-Oba>>. Acesso em 20/05/2021.



Figura 16. Obá em ilustração encontrada na página Obá Orixá no *Facebook*. Fonte: <<https://www.facebook.com/ObaOrixas/photos/a.1061770963863391/2391893227517818/>>. Acesso em 20/05/2021.

No âmbito da América hispânica, encontramos entre outros sincretismos iconográficos uma representação de Obá acompanhada de uma roda quebrada (Figura 16). A investigação das origens desse sincretismo escapa aos objetivos

deste trabalho, mas é preciso, pelo menos, assinalá-lo, pois, como se verá adiante, ele pode lançar luz sobre certos aspectos de algumas representações feitas no estado de Santa Catarina.

Capítulo 2

Santa Catarina de Alexandria na religião e na cultura do estado de Santa Catarina

O estado de Santa Catarina recebe este nome em 1526, após o aportamento de Sebastião Caboto na Ilha de Santa Catarina, local a que atribui este nome.

Não é possível saber se o estado recebe seu nome em homenagem à sua padroeira, visto que a esposa de Caboto se chamava Catarina Medrano (PEREIRA, 2015), e pode ser que o nome do estado se origine desta fonte, visto que quem o atribuiu poderia buscar fazer uma homenagem ou tratar de forma irônica sua relação com sua esposa.

A capital do estado de Santa Catarina se chamava Desterro até 1894, ano em que teve seu nome alterado para Florianópolis por conta do governo de Floriano Peixoto. Embora o nome “Desterro” desagradasse a população, que, na época, ainda possuía quantidade relevante de monarquistas, o nome “Florianópolis” também não era aprazível aos habitantes.

A catedral dessa cidade começa a ser construída em 1753 sob o nome de Matriz de Nossa Senhora do Desterro, alterado para Catedral Diocesana em 1908. Em 1922, Santa Catarina de Alexandria passa a ser padroeira do estado de Santa Catarina e co-titular da Catedral de Nossa Senhora do Desterro (PEREIRA, 2002). Nesta ocasião, uma imagem da santa passa a ocupar lugar no altar-mor da catedral, produzida por Hans Demetz, um artista austríaco (Figura 17). Sobre a pintura e os anjos que se encontram no nicho dessa imagem, foi obtida a informação, junto à administração da Catedral Metropolitana de Florianópolis, de que não se tem mais conhecimento de qual artista a fez, bem como que esse plano de fundo foi feito para receber uma imagem de Nossa Senhora do Desterro em vez da imagem de Santa Catarina de Alexandria que está presente no local.



Figura 17 - Santa Catarina de Alexandria, Hans Demet. Catedral Metropolitana de Florianópolis. Fonte < <https://ndmais.com.br/diversao/florianopolis-e-referencia-em-obras-de-arte-sacra-do-seculo-18/>>. Acesso em 7 de maio de 2021.



Figura 18 - Vitral com representação de Santa Catarina de Alexandria na Catedral Metropolitana de Florianópolis. Fonte: arquivo pessoal



Figura 19 - Vitral com representação de Santa Catarina de Alexandria na Catedral Metropolitana de Florianópolis. Fonte: arquivo pessoal.

Ainda dentro dessa igreja, encontram-se outras imagens da santa. Há três vitrais que a representam (Figuras 18, 19 e 20), uma imagem além da que está presente no altar (figura 21) e uma pequena imagem presente no báculo episcopal (figura 22). Os vitrais, encomendados ao prestigiado ateliê paulistano Casa Conrado, foram inseridos na arquitetura da catedral em 1948 (LANER, 2007). A santa aparece juntamente com a palma e a roda no vitral mostrado na Figura 13. Naquele mostrado na figura 19, Santa Catarina recusa, com o gesto dramático do braço esquerdo, a coroa (símbolo da proposta de casamento) oferecida pelo imperador, enquanto que, no vitral mostrado da Figura 20, a

intervenção divina, na forma de um anjo e de raios, livra a santa das rodas dentadas.



Figura 20 - Vitral com representação de Santa Catarina de Alexandria na Catedral Metropolitana de Florianópolis. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 21 - Santa Catarina de Alexandria. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 22 - Báculo episcopal da Catedral Metropolitana de Florianópolis. Fonte: <<https://www.catedralflorianopolis.org.br/doacao>>. Acesso em 07/05/2021.

Ainda em Florianópolis, há outra igreja dedicada à mesma santa: a Igreja Santa Catarina, anterior capela do Colégio Catarinense. Inaugurada em 1910, passou por um incêndio em 1967 e foi reaberta em 1970. Recebe o nome de Igreja Santa Catarina de Alexandria em 1985. Vinculada à arquidiocese de Florianópolis, esta igreja atende à comunidade local e aos alunos e funcionários do Colégio Catarinense. No centro da fachada dessa igreja, logo abaixo do frontão, há também uma imagem de Santa Catarina de Alexandria (figura 23).



Figura 23 - Igreja Santa Catarina de Alexandria. Fonte: <<https://arquiFln.org.br/igrejas/reitoria-da-igreja-santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 07/05/2021.

No ano 2000, iniciou-se o processo de transferência de uma relíquia de Santa Catarina de Alexandria para o Brasil. Na ocasião, o padre grego ortodoxo Angelos Kontaxis foi até o mosteiro de Santa Catarina de Alexandria para buscar a relíquia, que pertenceria ao Estado, visto que o processo iniciou-se durante uma reunião com o governador em que ele perguntou se seria possível que o Estado tivesse uma artefato deste tipo. O primeiro contato com o mosteiro se deu por telefone e, quando a comitiva chegou ao Sinai para a recepção da relíquia, o Abade encarregado se recusou a entregá-la quando tornou-se consciente da condição de que a relíquia seria atribuída ao Estado.

A partir daí, seguiu-se uma série de negociações, que incluíram um debate teológico com Kontaxis. Além disso, foi-lhe solicitado que buscasse uma pedra no monte Sinai, no local em que Moisés recebeu os 10 mandamentos, e a levasse de volta, o que concluiu com êxito. Essa pedra (figura 24) foi trazida ao Brasil, onde está guardada junto com o ícone (figura 25) pintado pelos monges e com a relíquia principal, um pedaço de costela (figura 26) que foi cedido sob a condição de que ficaria guardada numa capela ecumênica aberta ao público. Além deste pedaço de costela, da pedra e do ícone, há, também, outro pedaço de costela enviado posteriormente (figura 27). A cerimônia de

introdução dessa relíquia na capela aconteceu em 23 de novembro de 2001, durante a festa de Santa Catarina de Alexandria. A capela construída (figura 29) fica no Tribunal de Justiça.



Figura 24 - Pedra obtida por Kontaxis no Monte Sinai. Fonte: <<https://portal.tjsc.jus.br/web/sala-de-imprensa/-/especial-saiba-por-que-25-de-novembro-e-o-dia-de-santa-catarina-de-alexandria>>. Acesso em 05/05/2021.



Figura 25 - Ícone trazido do Sinai para o Brasil por Kontaxis. Fonte: <<https://portal.tjsc.jus.br/web/sala-de-imprensa/-/especial-saiba-por-que-25-de-novembro-e-o-dia-de-santa-catarina-de-alexandria>>. Acesso em 08/05/2021.



Figura 26 - Pedago de costela de Santa Catarina de Alexandria. Fonte <<http://static.ndmais.com.br/2017/01/cropped/c4f168e297fff9eb2f1da6704533c3dda073baf6.jpg>>. Acesso em 08/05/2021.

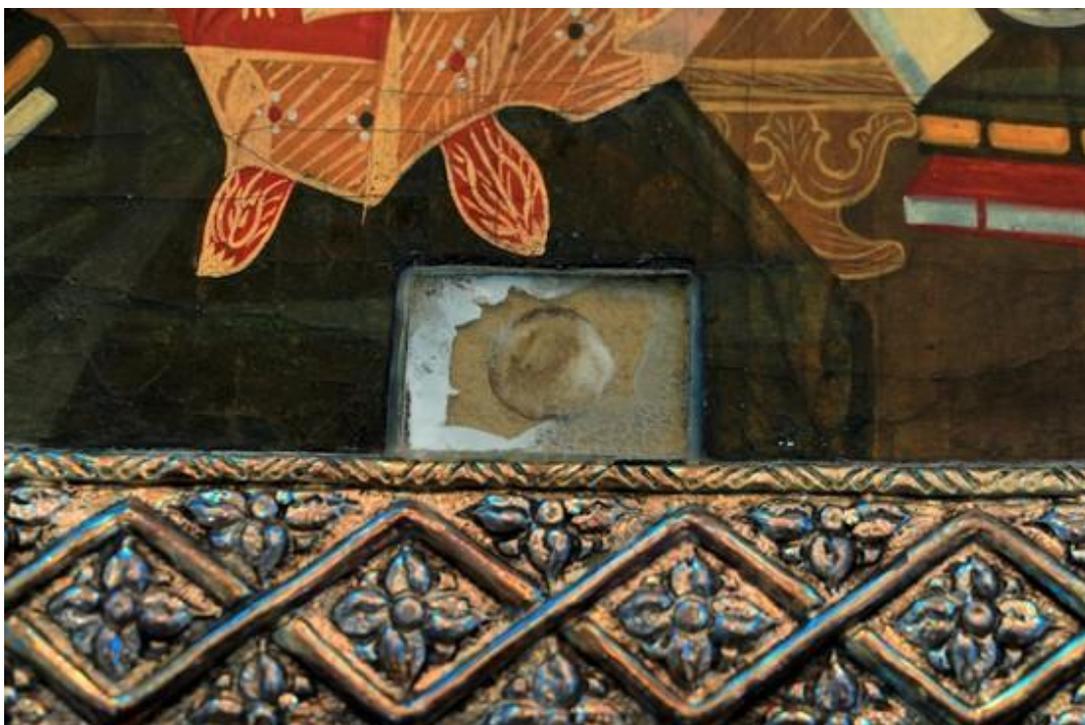


Figura 27 - Pedago de costela enviado do mosteiro do Sinai para o Brasil. Fonte <<https://portal.tjsc.jus.br/web/sala-de-imprensa/-/especial-saiba-por-que-25-de-novembro-e-o-dia-de-santa-catarina-de-alexandria>>. Acesso em 08/05/2021.



Figura 28 - Local onde estão guardadas as relíquias, a pedra e o ícone trazidos do Sinai. Fonte <<https://portal.tjsc.jus.br/web/sala-de-imprensa/-/especial-saiba-por-que-25-de-novembro-e-o-dia-de-santa-catarina-de-alexandria>>. Acesso em 08/05/2021.



Figura 29 - Capela Ecumênica do Tribunal de Justiça. Aldo Luz Gickoff. Fonte <https://portal.tjsc.jus.br/image/journal/article?img_id=2920509&t=1480011781575>. Acesso em 05/05/2021.

Em 2017, foi sancionada uma lei no estado de Santa Catarina que determina a semana de Santa Catarina de Alexandria, que deve acontecer todos os anos entre os dias 19 e 25 de novembro. Essa semana está no calendário oficial de eventos do estado e, durante ela, devem ocorrer, em espaços públicos, atividades em homenagem à santa padroeira do estado. No dia 25 de novembro, o governo deve promover homenagens à santa. A existência de uma lei como essa comprova a importância de Santa Catarina de Alexandria para o estado de Santa Catarina.

Neste contexto se inserem os artistas Vera Sabino, Albertina Prates e Rodrigo de Haro, discutidos nesta monografia. Os três possuem suas peculiaridades e produzem suas obras no Brasil ainda na atualidade, sendo que os três residem no estado de Santa Catarina.

Capítulo 3

Santa Catarina de Alexandria na obra de três artistas residentes em Santa Catarina

É possível ver que a presença de Santa Catarina de Alexandria é forte no contexto do estado de Santa Catarina. Isso se manifesta por meio da religiosidade, como é visível por meio das celebrações e das igrejas dedicadas à santa, bem como o acolhimento dela como padroeira do estado, por meio da política, como é possível ver pelo interesse do Estado de obter relíquias da santa e pela lei da semana de Santa Catarina de Alexandria e de outras manifestações culturais, como os artistas que trabalham com este tema nas artes visuais e na literatura, diferente do resto do Brasil, em que ele não parece ter a mesma relevância. No que diz respeito à arte contemporânea, a presença da santa é especialmente relevante na obra de três artistas residentes em Santa Catarina: Albertina Prates, Rodrigo de Haro e Vera Sabino.

Albertina Prates

Albertina Prates nasceu em Criciúma, no estado de Santa Catarina⁴, e formou-se em Artes Plásticas na UDESC. Trabalhou como atriz, cantora, figurinista e diretora de arte para produções cênicas e audiovisuais e também teve participações em escolas de samba em diversas áreas. Desde 1975, participa de diversas exposições de artes visuais tanto individuais quanto coletivas, e tem diversas obras espalhadas principalmente pelo Brasil e pela Europa.

As obras mais reconhecidas da artista são suas pinturas em grandes formatos e suas obras públicas, como painéis em mosaico e tinta acrílica. É comum que represente figuras humanas desnudas, visto que, para ela, as roupas apresentam temporalidade e ela busca retratar figuras que expressem sua

⁴ Não foi possível encontrar a data de nascimento da artista na internet.

humanidade de forma atemporal. Entre suas principais referências estão Francis Bacon, Lucian Freud e William Blake⁵.

Dentre os trabalhos de Albertina, encontra-se uma série de imagens de Santa Catarina de Alexandria feita com base no livro *Mistérios de Santa Catarina*, escrito por Rodrigo de Haro. Embora não seja possível depreender o que levou a artista a pintar a série, é importante ressaltar que a época é próxima à época em que as relíquias de Santa Catarina de Alexandria foram trazidas ao Brasil, o que pode ter aumentado a visibilidade da santa. A série, pintada em 2000, constitui-se de 27 telas, embora não tenha sido possível visualizar todas, e a santa é reconhecível na maior parte das telas pela presença de seus atributos tradicionais.

Na figura 29, é possível ver uma imagem de Santa Catarina de Alexandria que em diversos aspectos se assemelha às imagens europeias da santa. É relevante comentar que a cor azul, além de lembrar a água, lembra o trabalho dos azulejos portugueses. Seus atributos tradicionais, como a coroa, a roda e a palma do martírio permanecem lá. Apesar disso, um elemento determinante, presente na hagiografia da santa, está presente nesta obra, mesmo que seja bastante incomum na iconografia europeia: o pescoço da santa aparece cortado, e a iconografia utilizada por Albertina Prates torna claro que o que escorre do corte é leite.

Outros elementos da mesma obra diferem muito da iconografia tradicional. Ao lado direito da santa encontram-se um timão e duas flores de lis. É possível que o timão se deva ao fato de que Catarina de Alexandria passou a ser conhecida como padroeira dos condutores e das demais profissões que se utilizam de objetos circulares para funcionar⁶, além do sincretismo com os mitos gregos e açorianos. O timão, possivelmente, se trata, também, de uma releitura da roda dentada devido à semelhança dos objetos.

⁵ Essa informação se encontra no site da própria artista, embora seja um recorte de jornal cuja referência não é precisa. Fonte <<http://www.albertinaprates.com.br/revistas-e-livros/>>. Acesso em 12/05/2021.

⁶ Fonte: <<https://arquifn.org.br/projetos/curiosidades-de-santa-catarina-de-alexandria-por-dom-wilson/>>. Acesso em 12/05/2021.



Figura 29 - *Santa Catarina de Alexandria*, por Albertina Prates. Acrílico sobre tela. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 11/05/2021.

Do lado esquerdo da santa, há mais duas figuras. Próxima aos seus pés está uma folha de palma, objeto comumente atribuído aos santos mártires. Sua mão esquerda aparece escura, tendo sobre ela a figura de uma cruz, possivelmente uma alusão ao casamento místico de Catarina com Jesus. Logo acima, encontra-se uma coruja, animal que não aparece vinculado a Catarina no contexto europeu. Trata-se, possivelmente, de uma alusão à sabedoria e à erudição tradicionalmente associadas à santa, uma vez a coruja é, igualmente comumente associada a essas qualidades, sendo que alguns exemplos disso

estão presentes até na cultura *pop*, como é o caso de Corujão, o único personagem capaz de ler e escrever dentre todos os presentes em Ursinho Pooh, e da coruja Arquimedes na animação *A Espada Era a Lei*, de 1963. A associação da coruja à sabedoria remonta, pelo menos, à Grécia antiga, uma vez que de Atena, deusa grega da sabedoria, tinha uma coruja entre seus atributos (figura 30).



Figura 30 - Atena segurando elmo, lança e coruja em lécito de figuras vermelhas. Atribuído ao pintor de Brygos, c. 490 a. C. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Athena_owl_Met_09.221.43.jpg>. Acesso em 14/05/2021.

Além desses símbolos, na parte de baixo da pintura há três peixes, número que pode tanto ter sido uma escolha estética quanto uma referência à santíssima Trindade. Embora esses motivos sejam, assim como a coruja, incomuns na iconografia de Santa Catarina de Alexandria, são um símbolo tradicional de Cristo, e possivelmente foram escolhidos pela pintora como um

símbolo de ascensão, ressurreição e, talvez, um modo de evocar asas de anjo, visto que são peixes voadores, da família *Exocoetidae*. As asas são um motivo recorrente no conjunto da obra da artista e aparecem em mais três dentre as suas representações da santa aqui discutidas.

A presença de elementos iconográficos tradicionais, como a roda e a espada, e de elementos que destoam dessa tradição é recorrente nas obras dessa série. Na Figura 31, por exemplo, Catarina aparece segurando a espada, também presente em sua tradicional iconografia europeia, principalmente quando se trata da iconografia feita a partir do século XV. A roda, atributo principal da santa, não é representada de modo explícito, mas em diversos pontos da obra há motivos circulares que remetem ao objeto. Além disso, a santa traz a coroa, presente em quase todas as suas representações tanto europeias quanto brasileiras. O modo pelo qual Albertina escolheu representar a espada, porém, traz uma referência à palma do martírio, que não aparece de outra forma nessa obra e também não é algo comum na iconografia cristã.

Para interpretar elementos como esse, pode ser útil recorrer ao conjunto da obra da artista. No conjunto de três mosaicos intitulado *Senhoras do Destino*, vemos que ao fio do destino, atributo tradicional das Moiras que figuram na obra, a artista justapõe um estandarte que, além de um cacho de uvas (que poderia remeter ao tirso das bacantes), pouco tem de helênico, remetendo antes às tiras de pano coloridas típicas do maracatu e do estandarte usado na Festa do Divino Espírito Santo. A obra indica, assim, a disposição da artista em reunir em uma mesma obra motivos iconográficos de origem díspares, renovando dessa maneira temas iconográficos tradicionais. A espada-palma que vemos na figura 31 pode, dessa maneira, ter-se originado de uma justaposição cultural similar àquela que parece ter ocorrido no caso do tirso-estandarte. Pois, se uma espada-planta é estranha à iconografia religiosa europeia, ela não o é à cultura brasileira, na qual a planta *Sansevieria trifasciata*, de origem africana, é conhecida como espada de São Jorge. A folha de uma planta desse tipo, aliás, parece perpassar as pequenas folhas da palma que se veem na figura 29.



Figura 31 - *Santa Catarina de Alexandria*, por Albertina Prates. Acrílico sobre tela. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 11/05/2021.



Figura 32 – Mosaico no Centro de Atendimento ao Idoso em São José, SC. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/obras-publicas/>>. Acesso em 20/05/2021.

A hipotética alusão a essa planta nas duas pinturas mencionadas pode, talvez, apontar para o sincretismo religioso e iconográfico entre Santa Catarina de Alexandria e o mundo dos orixás, assinalado no capítulo 1. Essa hipótese ganha força quando se considera que a planta espada de São Jorge é conhecida, também, como espada de Ogum, identificação que reflete o sincretismo entre o São Jorge católico e o orixá Ogum. Se é, efetivamente, de uma alusão à espada de São Jorge que se trata na figura 31, explicar-se-ia provavelmente o significado da guarda da espada, formada por duas luas entrecruzadas: incomum na iconografia cristã, ela pode remeter tanto a São Jorge quanto a Ogum, ambos associados à Lua. Por sua vez, essa interpretação, associada à presença dos motivos em zigue-zague observados na figura 28, tão comuns na arte africana quanto incomuns na iconografia cristã tradicional, e à pele negra que a artista atribui a Santa Catarina em outras obras suas (figuras 33, 34, 35 e 36) abre caminho para a identificação da santa na figura 31 como uma representação sincrética de Santa Catarina de Alexandria e da orixá Obá. A interpretação dessa pintura como uma representação sincrética abre outra possibilidade de interpretação para o timão da figura 29: esse objeto também é

um atributo de Obá em algumas representações dela⁷, sendo que esse objeto possivelmente é originário de uma semelhança da roda dentada de Catarina com ele, de modo que as formas podem ter se metamorfoseado.

Não se pode, no atual estado da pesquisa, abraçar essa hipótese de forma peremptória, uma vez que não foi possível contatar a artista, cujo testemunho seria para isso fundamental. Cabe destacar que as hipóteses propostas acima não excluem outras. A lua com os cornos para cima é um atributo tradicional da Virgem Maria e da Mulher do Apocalipse, quando aparece sob os seus pés. Quanto às Catarinas negras discutidas a seguir, podem ser tanto uma referência a Obá quanto à tradição iconográfica das Madonas negras, que se origina no medievo europeu e cujo exemplo brasileiro mais conhecido é Nossa Senhora Aparecida. Quantos aos motivos em zigue-zague, são, juntamente como os pequenos círculos com que se combinam, recorrentes não apenas na arte africana, mas também na indígena.

Dentre os demais elementos iconográficos, o que continua diferindo da iconografia europeia é, principalmente, o fato de o pescoço da santa estar cortado, derramando leite, e a clara presença da aliança na mão esquerda de Catarina. A iconografia referente ao casamento de Catarina com Jesus é uma constante na obra de Albertina, embora em geral a aliança apareça como uma mão inteira pintada com a cruz. A questão do corte no pescoço também é bastante recorrente, o que leva a ver que a valorização do martírio na iconografia brasileira de Santa Catarina de Alexandria é grande.

⁷ É possível ver o timão como atributo de obá nos seguintes links: <https://www.yabarte.com.br/guia-oba-porcelana-cristal>>. Acesso em 09/06/2021; <https://www.vetorial.net/~rakaama/o-oba_html_m4a6b53bb.jpg>. Acesso em 09/06/2021. A primeira imagem se trata de um guia de Obá, espécie de amuleto religioso de proteção diretamente ligada ao orixá. No caso desse, de Obá, há um pingente de timão. A segunda imagem se trata de uma representação de Obá com um timão ao lado.



Figura 33 - *Santa Catarina de Alexandria*. Albertina Prates. Acrílica sobre tela. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 14/05/2021.

A figura 33 traz atributos bastante diferentes dos habituais. Nessa pintura, Catarina usa uma armadura que, como a pele negra, pode, por um lado, estar ligada a Obá, pois esta é sincretizada, também, com Joana d'Arc⁸. Por outro

⁸ Exemplos: “No dia 30 de Maio é celebrada Santa Joana D’arc, figura católica sincretizada com Obá, mãe do conhecimento e das águas revoltas, ambas são consideradas mulheres fortes e guerreiras.” (TENDA DE UMBANDA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, 2020) “Filha de Oxalá e Iemanjá, Obá é considerada a senhora das águas doces revoltas. Além disso, é reconhecida por atuar na busca pelo equilíbrio e defendendo a justiça. No sincretismo religioso, a Orixá é relacionada com a Santa católica Joana D’Arc.” (ASTROCENTRO, 2018). “Dia 30 de

lado, a armadura pode explicar-se pela tradição segundo a qual, entre as visões celestes que apareceram a Joana, encontrava-se a de Santa Catarina de Alexandria. Além disso, a seu lado esquerdo há três asas, que podem ter diversos significados, como as já mencionadas ressurreição e a ascensão ou uma referência ao motivo iconográfico do Cristo Seráfico, que (a exemplo daquele encontrado na Igreja da Ordem Terceira da Penitência no Rio de Janeiro) tem três asas de cada um de seus lados. Pode ser, também, um empréstimo à iconografia da Mulher do Apocalipse, que figura quase sempre alada na arte cristã e que é, por vezes, identificada como a Virgem Maria. Sob os pés de Catarina está a roda quebrada.

O círculo em sua mão assemelha-se a uma lua cheia, o que pode ser uma referência à associação da Santa com Ogum. Da mesma forma, o adorno em sua cabeça também evoca a imagem de uma lua. Esses elementos são recorrentes na obra de Albertina Prates.

Em sua mão direita, há uma espécie de cetro que parece ser encimado por um lírio, elemento cristão tradicional que simboliza a castidade (FULTON, 2004) e que figura, também, em um dos vitrais da Catedral de Florianópolis anteriormente mencionados. O lírio simboliza certamente a castidade de Catarina, sendo utilizado por Prates em outras obras da série de Santa Catarina de Alexandria.

Maio é dedicado a Santa Joana D'Arc e na Umbanda comemoramos a orixá pouco conhecida chamada Obá, senhora das águas revoltas e pororocas." (RAÍZES ESPIRITUAIS, 2016).



Figura 34 - *Santa Catarina de Alexandria*. Albertina Prates. Acrílica sobre tela. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 14/05/2021.

Embora não difira em atributos de outras figuras representadas por Albertina Prates, a figura 34 traz os atributos que ela deu à santa de maneira ligeiramente diferente. Sob a cabeça decepada de Catarina, há diversas imagens que representam elementos ligados a este tema pela artista, como é o caso do lírio. A última figura da direita parece ser o tema da boda mística de Catarina, visto que a posição das personagens é bem semelhante a outras representações desse tema, como pode ser visto na figura 43, pintada por Vera Sabino.



Figura 35 - *Santa Catarina de Alexandria*. Albertina Prates. Acrílica sobre tela. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 14/05/2021



Figura 26 - *Santa Catarina de Alexandria*. Albertina Prates. Acrílica sobre tela. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 14/05/2021.



Figura 37 - *Santa Catarina de Alexandria*. Albertina Prates. Acrílica sobre tela. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 14/05/2021.

As figuras 35, 36, 37 e 38 são outras imagens também feitas por Albertina Prates que têm os mesmos atributos que as outras imagens comentadas, com exceção de uma espécie de véu ou de máscara vermelha, que vemos na figura 37 mas que não consta nas demais imagens. O véu pode, talvez, simbolizar o já mencionado casamento místico, mas cabe assinalar que, à luz do conjunto da obra da artista, interpretá-lo como uma máscara talvez seja mais plausível, uma vez que tal motivo aparece em pelo menos uma pintura da série *Sede de Imortalidade*, de 1998, e, repetidamente, em pinturas da série *Levai-me à adega*, de 2004. Os grafismos que parecem remeter à arte africana ou indígena figuram de modo proeminente nas figuras 37 e 38.

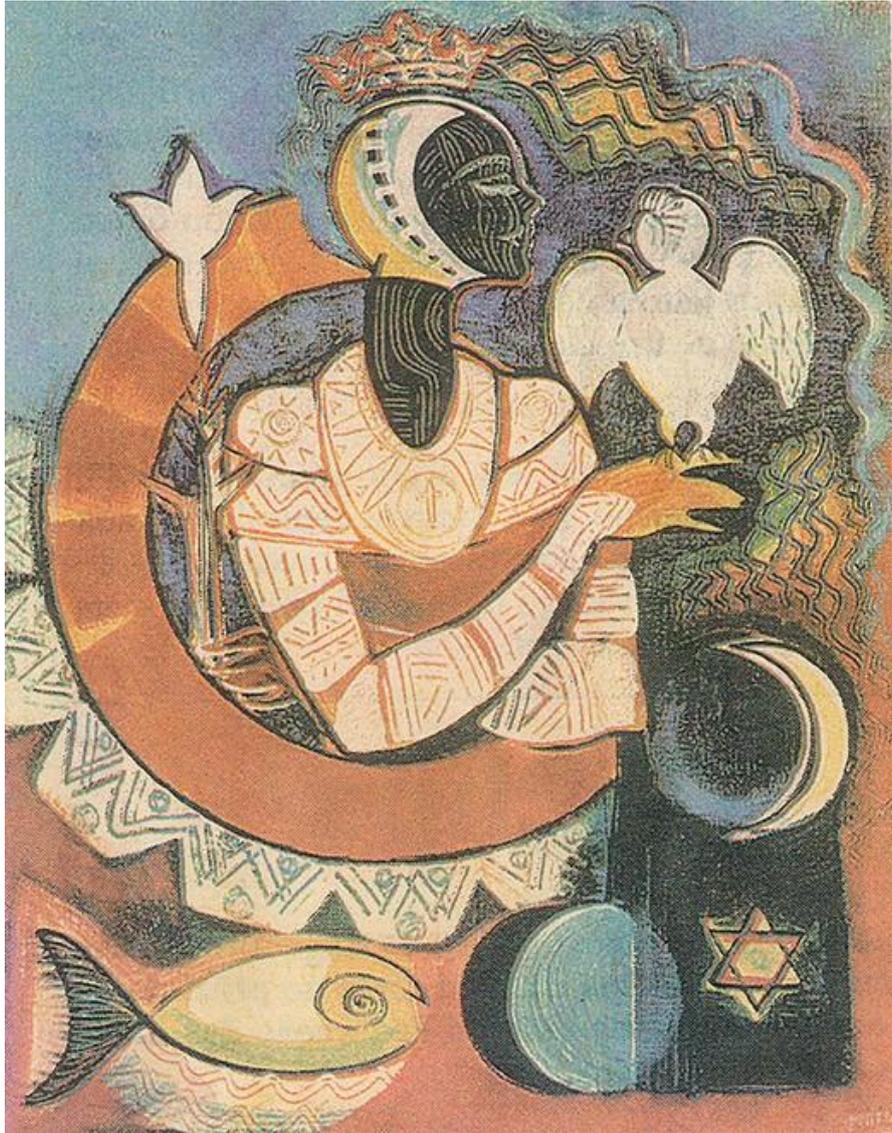


Figura 38 - *Santa Catarina de Alexandria*. Albertina Prates. Acrílica sobre tela. Fonte: <<http://www.albertinaprates.com.br/album/santa-catarina-de-alexandria/>>. Acesso em 14/05/2021.

Vera Sabino

Vera Sabino nasceu em Florianópolis em 1949 e pinta desde criança. Não possui estudo formal em artes visuais, mas participou de diversas exposições tanto no Brasil quanto fora dele, sendo que em seu site há lembranças de exposições na Europa e nos Estados Unidos.

Os temas principais de Sabino giram em torno do universo catarinense, seja pela religião, pelo folclore ou pelas representações das cidades. Além disso, a artista se destaca pela utilização de tinta acrílica sobre Eucatex, principal técnica empregada por ela.

Em sua obra, Santa Catarina de Alexandria foi representada diversas vezes. Pelo menos 5 dessas representações (figuras 39, 40, 41, 42 e 44) foram inspiradas pelo já mencionado livro *Mistério de Santa Catarina*, de Rodrigo de Haro⁹, publicado originalmente em 1992 e reeditado em 2001. Essa relação entre as pinturas e o livro constitui um marco cronológico importante, uma vez as pinturas da artista não estão datadas, nem foi possível encontrar outras informações sobre quando exatamente foram produzidas.

A iconografia utilizada tem muitas semelhanças com a europeia, embora haja algumas discrepâncias, assim como é o caso de Albertina Prates. É recorrente que a santa carregue a folha de palma e a coroa e que tenha a seu lado a roda dentada, como na iconografia europeia e no trabalho de Prates. Além desses motivos iconográficos, é comum que algumas figuras sejam associadas à santa, como a figura da coruja, que passa a ser recorrente nas representações encontradas em Santa Catarina.

Além de todas essas figuras, Sabino traz alguns objetos diferentes dos já encontrados em iconografias anteriores, como é visível na pintura reproduzida na figura 39.

⁹ Conforme <https://obrer.wordpress.com/2009/11/27/rodrigo-de-haro-da-palestra-sobre-relacao-entre-catarina-a-santa-e-a-obra-de-vera-sabino/>. Acesso em 21/05/2021.



Figura 39 - *Santa Catarina de Alexandria*, Vera Sabino. Fonte: <<http://www.verasabino.com.br/wp-content/uploads/2014/10/vera-sabino-artista-plastica-florianopolis-tela-2-santa-catarina-1-859x1030.jpg>>. Acesso em 12/05/2021.

Nessa pintura, alguns atributos permanecem constantes, como a folha de palma, a roda e a coroa. Diferente de Albertina Prates, Sabino busca representar bastante os anjos, comuns na iconografia europeia de Santa Catarina de Alexandria principalmente quando se trata do século XIX. Além desses atributos mais comuns, Sabino traz outros elementos. Nessa imagem em específico, a santa segura uma esfera contendo a ponte Hercílio Luz, monumento de Florianópolis, e um beija-flor. É possível que o beija-flor, que aparece em outras representações da santa pela artista, simbolize o Espírito Santo, como ocorre na arte popular mexicana (JENSEN, 2017), visto que não foram encontradas outras razões para a representação desta ave nessas obras. Além disso, há uma

retomada do gótico, com as formas humanas estilizadas e alongadas e há um certo apelo popular nas obras.



Figura 40 - *Invocação*, Vera Sabino. Fonte: <<http://www.verasabino.com.br/wp-content/uploads/2014/10/vera-sabino-artista-plastica-florianopolis-tela-invocacao-900x1030.jpg>>. Acesso em 12/05/2021.

Há, ainda, outras alterações relevantes na iconografia tradicional de Santa Catarina de Alexandria em outras obras da artista. Na pintura *Invocação* (figura 40), Santa Catarina difere bastante de suas contrapartes europeias. Na imagem, não há objetos que façam alusão à roda ou à coroa. Diferente do livro, símbolo comumente atribuído a Catarina, encontram-se diante da santa três folhas com a ilustração de uma cruz. Catarina segura uma pena que se assemelha ao que seria uma folha de palma, mas a significação pode

estar diretamente ligada à hagiografia da santa, que afirma que ela era uma estudiosa. Além disso, pode-se considerar que a pena é uma estilização da folha de palma que Catarina segura em algumas obras antigas, como é o caso da figura 4, visto que o modo como a santa segura esse objeto remete ao modo como se segura uma pena. Desse modo, as formas podem, também, ter-se metamorfoseado neste caso.

Diferente das demais imagens, o atributo que esta Catarina traz é muito típico da iconografia brasileira que a representa: uma coruja sobre seu ombro esquerdo, remetendo, também, à sabedoria e à erudição da santa.



Figura 41 - *Santa Catarina*. Vera Sabino. Fonte: <<http://www.verasabino.com.br/wp-content/uploads/2014/10/vera-sabino-artista-plastica-florianopolis-tela-2-santa-catarina-899x1030.jpg>>. Acesso em 12/05/2021.

Na figura 41, a representação se aproxima mais das representações de Santa Catarina de Alexandria de Albertina Prates. A roda é um atributo iconográfico forte e está presente em todo o fundo da imagem, feito em motivos circulares com uma parte da roda dentada à direita da santa. Ela não utiliza a coroa, atributo bastante comum em sua iconografia tradicional, embora nem sempre presente. Em cada uma das mãos da santa há um olho, algo não visto em qualquer outra das representações de Santa Catarina de Alexandria estudadas neste trabalho. É possível que esse atributo seja uma fusão da iconografia de Santa Catarina de Siena, que carrega os estigmas, com um tipo de amuleto denominado hamsá, proveniente das culturas judaica e islâmica, que tem a forma de uma mão com um olho no meio. O pescoço da santa é cortado por uma espada e do corte escorre leite, semelhante às figuras de Prates, mas, diferente dela, as gotas jorram direto para a boca de dois anjos.



Figura 42 – *Velada pelas águias*. Vera Sabino. Fonte: <<https://obrer.files.wordpress.com/2009/11/velada-pelas-aguas-70x100.jpg>>. Acesso em 21/05/2021.

Na pintura *Velada pelas Águias* (figura 42) figuram a Virgem Maria, dois anjos que choram, duas águias e, estendido entre dois ovos de águia, o corpo de Santa Catarina de Alexandria, a jazer sobre o monte Sinai. Sobre o corpo da santa uma planta florida cresce à maneira de uma mortalha. Trata-se de uma composição bastante destoante em relação à sua iconografia tradicional. Como na figura 41, vemos outro olho estranho a essa iconografia, agora na testa da santa – possivelmente, na medida em que contrasta com os olhos fechados, a simbolizar seus olhos espirituais, abertos para a vida futura. Trata-se, talvez, de um empréstimo iconográfico ao terceiro olho do deus hindu Shiva, cujo significado se transforma nas mãos da artista.

Uma outra imagem de Sabino (figura 43) traz ainda mais um elemento para a iconografia brasileira de Santa Catarina de Alexandria: a romã, como pode ser visto, também, em uma obra visual de Rodrigo de Haro.

Embora não seja um atributo recorrente, a romã aparece na obra *Mistério de Santa Catarina*, de Rodrigo de Haro:

“O mistério da Boda Mística
E do esposo infantil,
episódio assinalado por
gracioso encanto é
simbolizado
pela semente da romã,
pois esta criança
já atravessou
o mundo das sombras e
ao terceiro dia ressuscitou.” (HARO, 1992)

Isso se dá, possivelmente, por uma associação que Haro faz da passagem pelo mundo dos mortos de Jesus com Perséfone, que vai ao mundo dos mortos e retorna dele após comer uma romã (WEDEKIN, 2019). É relevante comentar, de qualquer forma, que a fruta se encontra presente na iconografia de outras santas, visto que assume símbolo de ressurreição para a iconografia cristã (JOHNSTON, 2005).



Figura 43 - *Santa Catarina de Alexandria*. Vera Sabino. Fonte: <<https://paroquiadatrindade.com/wp-content/uploads/sites/7/2015/11/0c0efca9-9ca0-4a62-b799-ff80933100c3.jpg>>. Acesso em 14/05/2021.



Figura 44 – *Boda Mística*. Vera Sabino. Fonte < <https://obrer.files.wordpress.com/2009/11/boda-mistica-100x70.jpg?w=403&h=&zoom=2/>>. Acesso em 14/05/2021.

A figura 44 tem a representação da Boda Mística de Santa Catarina de Alexandria. Embora os elementos tradicionais de Santa Catarina de Alexandria não estejam presentes, a representação de Vera Sabino costumeiramente a representa com um véu azul, como é o caso dessa imagem. Aqui, ela traz uma aliança na mão esquerda, enquanto o resto da imagem é bastante semelhante a outras representações desse tema.



Figura 45 - *Santa Catarina Alexandria*. Vera Sabino. Fonte <



Figura 46 - *Santa Catarina de Alexandria*. Vera Sabino. Fonte <



Figura 47 – [Santa Catarina de Alexandria?]. Vera Sabino. Fonte <<http://www.verasabino.com.br/galeria-2/>>. Acesso em 21/05/2021.



Figura 48 – [Santa Catarina de Alexandria?]. Vera Sabino. Fonte <<http://www.verasabino.com.br/galeria-2/>>. Acesso em 21/05/2021.

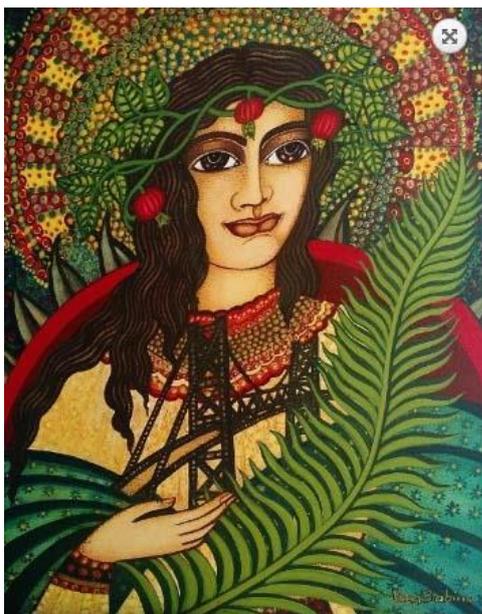


Figura 48 – [Santa Catarina de Alexandria?]. Vera Sabino. Fonte: <<http://www.verasabino.com.br/galeria-2/>>. Acesso em 21/05/2021.



Figura 49 – [Santa Catarina de Alexandria?]. Vera Sabino. Fonte: <<http://www.verasabino.com.br/galeria-2/>>. Acesso em 21/05/2021.

As figuras 45, 46, 47, 48 e 49 podem ser vistas no *site* da artista na Internet, no qual não constam informações sobre títulos ou datas das pinturas mostradas. À exceção de um coroa de folhas (figura 48) e do que parece ser um pequeno barco voador, com uma lua ao fundo (figura 49), essas pinturas apresentam atributos já utilizados por Sabino em outras figuras. Não foi possível precisar quantas imagens a artista fez da santa, da mesma forma que não foi possível encontrar imagens além das apresentadas neste trabalho.

Rodrigo de Haro

Rodrigo de Haro (1939-) é um intelectual, artista e escritor nascido em Paris, embora no mesmo ano tenha vindo ao Brasil. Executou diversos trabalhos em Florianópolis e escreveu diversos livros, dentre eles *Mistério de Santa Catarina*, e é membro da Academia Catarinense de Letras. Muitas de suas obras como artista visual trazem representações desta santa, sendo que há diversos trabalhos em locais públicos, como mosaicos.

Muitas de suas obras visuais trazem a iconografia bastante semelhante à europeia, embora elementos como a coruja sejam comuns em seu trabalho. Além disso, as obras de Haro costumam possuir vários elementos iconográficos.

Na pintura *Santa Catarina de Alexandria* (Figura 50), Rodrigo de Haro representou Santa Catarina de Alexandria ao lado da roda, seu atributo mais marcante. Ao fundo, é possível ver uma construção em cima da montanha, possivelmente o monastério do Sinai. Ao seu lado direito, há um livro, uma lâmpada, uma pena e um pote de tinta e uma fruta que parecer ser uma romã, como na obra de Vera Sabino. É relevante assinalar, de qualquer forma, que a fruta é um elemento tradicional na iconografia cristã, conforme visto anteriormente.



Figura 50 - *Santa Catarina de Alexandria*, por Rodrigo de Haro. Fonte: <http://cdn.wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/files/2015/03/quadro1.jpg>. Acesso em 12/05/2021.



Figura 51 - *Santa Catarina de Alexandria*, Rodrigo de Haro. Centro Cívico Tancredo Neves, Florianópolis. 1999. Fonte: <<https://mosaicodobrasil.tripod.com/id29.html>>. Acesso em 13/05/2021.

O monastério no Sinai, embora proveniente da história de Santa Catarina de Alexandria, não é recorrente na iconografia da santa. No mosaico localizado no Centro Cívico Tancredo Neves (figura 51), feito em 1999, Rodrigo de Haro representou Catarina com diversos atributos semelhantes ao que seria tradicional da iconografia da santa, como é o caso da roda, da coroa e do livro que segura nas mãos. Apesar disso, a seu lado direito está a coruja, muito presente na iconografia da santa no Brasil. Nesse caso, a iconografia já se aproxima bastante do que seria a iconografia europeia.



Figura 52 - *Leitura catarinense da criação latino-americana*, Rodrigo de Haro. Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1996. Fonte <<https://medium.com/@cotidianoufsc/opatrim%C3%B4nio-arst%C3%ADstico-da-ufsc-8e662dcd250a>>. Acesso em 13/05/2021.

A figura 52 traz outro mosaico idealizado por Rodrigo de Haro e terminado em 1996. Nesse caso, a santa traz um livro, uma coroa, uma espada e uma roda, todos atributos tradicionais da iconografia europeia. Nesse caso, porém, há um gato atrás da santa, elemento que não está presente em nenhuma outra iconografia encontrada durante o processo de pesquisa desta monografia.

Além das obras murais de Rodrigo de Haro, o artista escreveu um livro intitulado *Mistério de Santa Catarina*. O livro é constituído por uma breve hagiografia de Santa Catarina de Alexandria, seguida por uma Apologia e poemas acompanhados por ilustrações do próprio Rodrigo de Haro. Além disso, o livro se inicia por uma invocação que associa Catarina à “coruja benevolente” (HARO, 1992), que clama pela santa. Há, dentro do texto, outros momentos em que o autor cita corujas, sendo que em um deles afirma que a mascote de Santa Catarina de Alexandria é a coruja das torres (HARO, 1992).

Neste livro, há duas imagens de Santa Catarina de Alexandria, sendo uma semelhante à da capa (figura 54), e uma no início do livro (figura 53). As demais ilustrações do livro expressam objetos redondos ou ligados a profissões cuja padroeira é Santa Catarina de Alexandria, como ilustrações de livros ou do mar.



Figura 53 - *Santa Catarina de Alexandria*. Rodrigo de Haro. Fonte: HARO, 1992, p. 6.



Figura 54 - *Santa Catarina de Alexandria*. Rodrigo de Haro. Fonte: HARO, 1992, p. 93.

A armadura, que está presente em algumas obras de Prates, aparece também em uma ilustração e na capa do livro escrito por Haro (figuras 54 e 55).

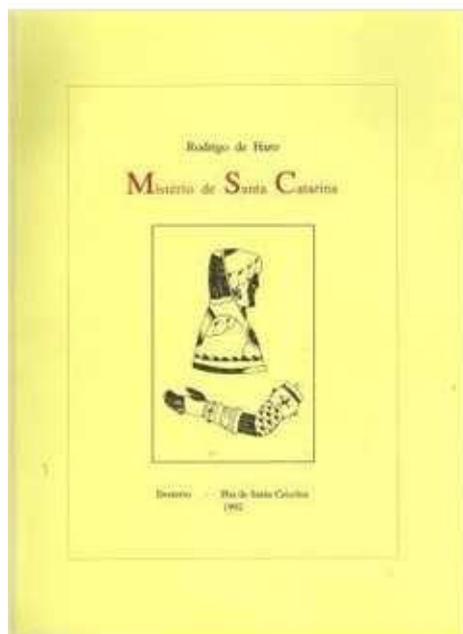


Figura 55 - *Mistério de Santa Catarina*, por Rodrigo de Haro. Fonte: <https://d1pkzhm5uq4mnt.cloudfront.net/imagens/capas/_619a42df2bdf7dad3d439bc17a240647e5c84c5a.jpg>. Acesso em 14/05/2021.

Esse elemento possivelmente se origina das visões que Joana d’Arc de teve de Santa Catarina de Alexandria, como se propôs no caso de Albertina Prates. Não se pode excluir totalmente a possibilidade de alguma influência do sincretismo entre Obá e Joana d’Arc, uma vez que, em pelo menos uma obra – a peça teatral *Cruz e Souza: le poète banni* – Rodrigo de Haro demonstrou familiaridade com o mundo dos orixás.

Considerações iconológicas

É possível notar que os elementos das obras brasileiras são mais diferentes do que seria considerado tradicional europeu nas obras profanas. Isso se dá ao fato de que as obras não possuem as mesmas funções e restrições às obras destinadas à Igreja, o que torna as representações mais livres e passíveis de originalidade dos artistas que as produzem. A partir disso, os artistas podem incluir em suas obras seus próprios interesses temáticos e suas experimentações. Como se apontou, a máscara é um elemento recorrente na

obra de Albertina Prates, e esse elemento também é presente em algumas obras de Rodrigo de Haro, como a pintura *Dama Velada*, de 1980, e a pintura *Baile de Máscaras*, de 2012, onde, além das figuras mascaradas, há uma mulher com os olhos quase totalmente encobertos pelos cabelos e pelo chapéu, semelhante às figuras 54 e 55. Além disso, a romã e o gato, presentes na obra de Haro concernente a Santa Catarina de Alexandria, também aparecem em pelo menos uma outra obra do artista, esta denominada *Mulher com gato*, de 1976. Além dessa obra, os gatos são recorrentes em diversas outras obras desse autor, como é o caso da obra *Judite*, de 1973. Na obra de Vera Sabino, é possível ver diversos elementos semelhantes às suas obras dedicadas a Santa Catarina de Alexandria.¹⁰ Dentre esses elementos estão aves diversas, elementos de Florianópolis, olhos em lugares inusitados e peixes, também recorrentes nas obras de Albertina Prates.

Além desses fatores, influi sobre o processo criativo, também, precedentes históricos de obras profanas que representam figuras religiosas de forma mais livre, principalmente no final do século XIX e no século XX. Isso é visível em obras como *A Entrada de Cristo em Bruxelas* (1880), de James Ensor, *Flor Mística* (1890), de Gustave Moreau, sendo que esta traz uma forte referência visual à obra *Apoteose de Santa Ursula*, de Vittore Carpaccio, *A Crucificação (Corpus Hiper cubus)* (1954), de Dalí e *O abraço de amor do Universo, a Terra (México)*, Diego, *Eu e o Senhor Xólotl* (1949), de Frida Kahlo (figura 56), que se assemelha ao clássico tema iconográfico da *Pietà*, em que Maria segura Cristo em seus braços. Além disso, a obra de Kahlo traz atributos de Shiva, como o terceiro olho e a chama na mão, algo recorrente no século XX e que pode-se chamar de hibridização da religiosidade asiática com temas ocidentais. O mesmo ocorre nas obras de Vera Sabino em suas representações de Santa Catarina de Alexandria e em várias outras. Da mesma forma, a obra de Kahlo traz as peculiaridades da artista, como um autorretrato dentro da obra, o que mostra como diversas referências à religiosidade podem ser incluídas em obras

¹⁰ Embora não tenha sido possível precisar o nome da maior parte das obras da artista, é possível ver diversas delas no seguinte link: < <http://www.verasabino.com.br/shop/>>. Acesso em 13/06/2021.

profanas com a liberdade do artista quando suas obras não objetivam o contexto sacro.

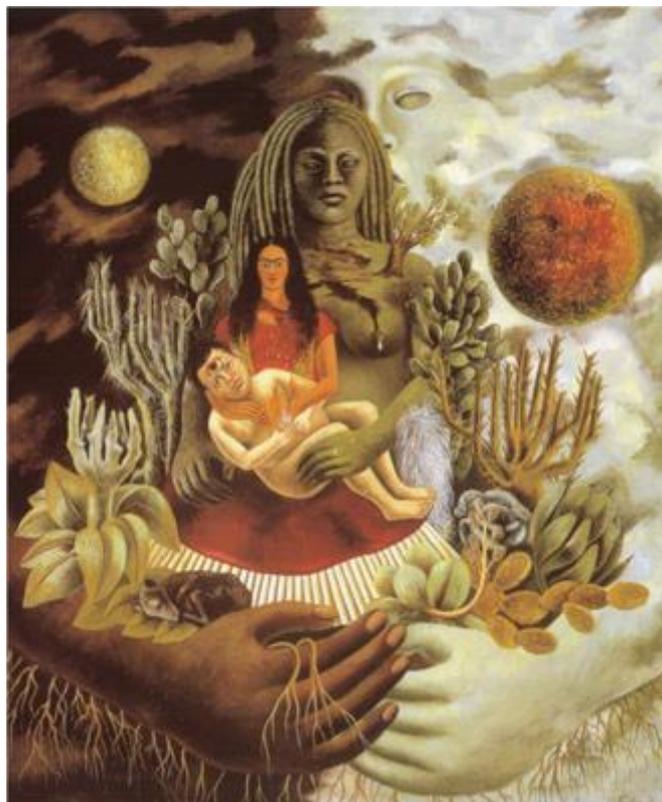


Figura 56 – *O abraço de amor do Universo, a Terra (México), Diego, Eu e o Senhor Xólotl* (1949). Frida Kahlo. Óleo sobre tela. Fonte: <
[https://en.wikipedia.org/wiki/The_Love_Embrace_of_the_Universe,_the_Earth_\(Mexico\),_Myself,_Diego,_and_Se%C3%B1or_Xolotl#/media/File:The_Love_Embrace_of_the_Universe,_the_Earth_\(Mexico\),_Myself,_Diego,_and_Se%C3%B1or_Xolotl.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Love_Embrace_of_the_Universe,_the_Earth_(Mexico),_Myself,_Diego,_and_Se%C3%B1or_Xolotl#/media/File:The_Love_Embrace_of_the_Universe,_the_Earth_(Mexico),_Myself,_Diego,_and_Se%C3%B1or_Xolotl.jpg)>. Acesso em 13/06/2021.

Além de todos esses fatores, há mais um relevante no contexto brasileiro: a presença do elemento negro na população e sua conseqüente presença na arte, inclusive na arte de temática religiosa. Isso é visível em obras como *A glorificação da Virgem*¹¹, pintada por Mestre Athaide no teto da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto. Nessa obra, a modelo para a Virgem Maria foi a esposa mulata do próprio pintor. Esse tipo de presença persiste pelo século XX, como é o caso da obra *Santa Irapitinga do Segredo*¹², feita por Tarsila do Amaral em 1941. Embora não tenha sido possível encontrar nada sobre

¹¹ Disponível em <
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/65/Mestre_Ata%C3%ADde_-_Glorifica%C3%A7%C3%A3o_de_Nossa_Senhora_-_Igreja_de_S%C3%A3o_Francisco_2.jpg>. Acesso em 13/06/2021.

¹² Disponível em <
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1638/santa-irapitinga-do-segredo>>. Acesso em 13/06/2021.

Irapitinga do Segredo fora das obras de Tarsila, o que faz presumir que essa santa talvez seja invenção da autora, ainda consiste na presença negra dentro de um contexto de temática religiosa. Ainda no século XX, é relevante comentar a presença de um Jesus negro, interpretado por Maurício Gonçalves (Figura 57).



Figura 57 – *O auto da compadecida* (1949). Guel Arraes. 2000. Fonte: <https://mais.opovo.com.br/_midias/jpg/2021/03/31/o_auto_da_compadecida_mauricio_goncalves-15322703.jpg>. Acesso em 13/06/2021.

O filme *O auto da compadecida* é baseado na peça de teatro homônima escrita por Ariano Suassuna. A imagem do Jesus negro nesta peça é anterior ao filme, sendo que Suassuna comenta que durante a escrita da peça, em 1955, devido a um episódio racista que presenciou, passa a considerar relevante que a representação de Jesus que ele escolheu fosse interpretada por um negro.¹³

Outra especificidade do contexto brasileiro é essa visibilidade ganhando espaço em contextos em que antes era escassa ou inexistente. Isso é visível nas obras de Albertina Prates, que traz esse elemento no contexto da região sul do país, local em que há grande tendência ao apagamento da população negra e indígena. Suas obras que representam Santa Catarina de Alexandria são aproximadamente do mesmo ano que o filme *O auto da compadecida* e do

¹³ SUASSUNA, A. **Racismo e Capitalismo**. Folha de São Paulo, 7 de março de 2000. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0703200006.htm>>. Acesso em 16/06/2021.

momento em que a adoção de cotas raciais para ingresso em universidades foi feita, em 2001, no Rio de Janeiro.

Considerações finais

De modo geral, foi possível determinar, com o presente estudo, que a iconografia existente nas principais igrejas dedicadas a Santa Catarina de Alexandria no Brasil parece, de um modo geral, bastante semelhante à iconografia europeia, sendo que muitos dos objetos que representam esta santa presentes nestes contextos são objetos vindos da Europa. Apesar disso, no contexto da arte profana produzida no estado de Santa Catarina, a iconografia de Santa Catarina de Alexandria é rica e bastante diferente da europeia.

Tanto Albertina Prates quanto Vera Sabino tiveram suas referências artísticas iniciais para desenvolver este tema em suas próprias obras a partir do livro *Mistério de Santa Catarina*, de Rodrigo de Haro, que estudou a fundo a história de Catarina e produziu seu próprio material tratando disso.¹⁴

A inserção de elementos diferentes dos tradicionais nas figuras que representam a santa evidencia a diferença de contexto que as obras produzidas no Brasil têm das obras produzidas da Europa, visto que o modo de representação é tão diferente quanto os atributos inseridos nessas obras. Por causa disso, o sincretismo religioso, proposto aqui como hipótese explicativa de alguns elementos, pode ajudar a entender determinadas alterações, cujo aparecimento parece mais plausível num contexto em que religiões sincréticas possuem uma quantidade relevante de fiéis. A presença de diferentes matrizes culturais – europeia, africana e indígena – pode, também, contribuir para a presença de certos elementos formais como os grafismos remetentes às artes indígena e africana, assinalados na obra de Albertina Prates. A utilização da cor também difere bastante da utilização da cor na Europa ocidental, de modo que as cores das obras brasileiras que representam Catarina são bem mais vibrantes.

É relevante comentar, porém, que o estudo se concentrou na arte produzida na capital de Santa Catarina, não tendo estudado com profundidade a arte sacra produzida no Brasil em homenagem a Santa Catarina de Alexandria, de modo que o estudo das suas representações do Brasil está longe de ser

¹⁴ Não foi possível reproduzir os poemas em sua totalidade devido à extensão do livro.

esgotado. Mesmo no caso de Santa Catarina, ainda é necessário um grande volume de pesquisa. Além disso, o livro “Mistério de Santa Catarina” por si só compreende todo um universo ainda não explorado a ser estudado.

Bibliografia

ASTROCENTRO. Obá – Orixá guerreira e senhora das águas doces revoltas.

Astrocentro. 20 de abril de 2018. Disponível em

<https://www.astrocentro.com.br/blog/espiritual/oba/>. Acesso em 21/05/2021.

BLISS, Jane. “Hagiography.” In: **An Anglo-Norman Reader**, 1st ed., Open Book Publishers, Cambridge, UK, 2018, pp. 281–316. Disponível em:

<www.jstor.org/stable/j.ctv8j3wz.17>. Acesso em 06 de setembro de 2018.

CANDOMBLÉ DA BAHIA. Obá. **Candomblé da Bahia**: História, Arte, Lendas, Músicas, Comportamento, Dicas Literárias e Tradição. 10 de agosto de 2012.

Disponível em <https://candombledabahia.wordpress.com/2012/08/10/oba/>.

Acesso em 20/05/2021.

CAPGRAVE, John. **The Life of Saint Katherine**. Circa 1390. Disponível em:

<http://d.lib.rochester.edu/teams/text/winstead-capgrave-life-of-saint-katherine-prologue>. Acesso em 29 de setembro de 2018.

ECO, U. A paixão, a morte, o martírio. In: **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. 43-73.

FANTASTIPÉDIA. **Obá**. Disponível em

<https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Ob%C3%A1>. Acesso em 20/05/2021.

FULTON, Rachel. The Virgin in the Garden, or Why Flowers Make Better Prayers. *Spiritus: A Journal of Christian Spirituality*. Volume 4, nº 1, 2004. John Hopkins University Press. p. 1-23. Disponível em:

<https://muse.jhu.edu/article/54972>. Acesso : 18/05/2021.

JENSEN, Robin M. *The Cross: History, and Controversy*. Cambridge: Massachusetts: Harvard University Press, 2017.

JOHNSTON, Hope. “CATHERINE OF ARAGON'S POMEGRANATE, REVISITED.” **Transactions of the Cambridge Bibliographical Society**, vol. 13, no. 2, 2005, pp. 153–173. Disponível em <www.jstor.org/stable/41154945.

[Acesso em 12/05/2021](#)>. Acesso em 20/05/2021

- HARO, R. **Mistérios de Santa Catarina**. Florianópolis: Athanor, 1992.
- LANER, M. R. E. **Catedral Metropolitana de Florianópolis: retrospectiva histórica das intervenções arquitetônicas**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- LE GOFF, J. **O Deus da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MUSEU DE ARTE SACRA DE SANTOS. **Imaginária**. S.d.. Página da Internet: <http://mass.org.br/acervo/imaginaria/>. Acesso em 20/05/2021
- NEÓFITO DA LUZ. As lendas e qualidades de obá. **A Umbanda por Chico Preto**. 1º de fevereiro de 2015. Disponível em <<https://umbandadochico.wordpress.com/tag/orixa-oba/>>. Acesso em 20/05/2021.
- OLIVEIRA, J. C. M. **Dos arquivos da perseguição às histórias dos mártires: hagiografia, memória e propaganda na África romana**. Disponível <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221018489005>>. Acesso em 4 de junho de 2019.
- PANOFISKY, E. Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 47-87.
- PASTOUREAU, M. **Blue – the history of a color**. Princeton: Princeton University Press, 2002.
- PEREIRA, M. **Santa Catarina de Alexandria: a Origem, o Mosteiro e a Padroeira**. Florianópolis: Insular, 2015.
- PEREIRA, N. B. **Santa Catarina de Alexandria**. São Francisco do Sul: autopublicação, 2002.
- PETRY, M. C. e ZIVIANI, B. **Jovem Corajosa**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1979.

RAÍZES ESPIRITUAIS. 2016. Sincretismo de Obá e Santa Joana D'Arc. **Raízes Espirituais**. 30 de maio de 2016. Disponível em <https://www.raizesespirituais.com.br/sincretismo-de-oba-e-santa-joana-darc/>. Acesso em 21/05/2021

STOLLHANS, C. (2007). SAINT CATHERINE OF ALEXANDRIA AND HER BOOK IN ITALIAN ART. In: **Notes in the History of Art**, 26(3), 23-29. Disponível em < <http://www.jstor.org/stable/23208080>>. Acesso em 16/06/2021.

SUASSUNA, A. **O Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2014.

TEIXEIRA, I. S. **Hagiografia e Teologia: duas formas de pensar, narrar e organizar a cristandade no final do século XVIII**. Fonte < <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/138>>. Acesso em 15 de setembro de 2020.

TENDA DE UMBANDA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. Santa Joana D'Arc e Obá, a orixá guerreira e senhora do conhecimento. **Tenda de Umbanda nossa Senhora das Graças**. 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://tungracas.wordpress.com/2020/05/26/santa-joana-darc-e-oba-a-orixa-guerreira-e-senhora-do-conhecimento/>. Acesso em 21/05/2021).

VARAZZE, J. Santa Catarina. In: **Legenda áurea: vidas dos santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 961-970.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses lorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Currupio, 2013.

WLADMIR. Comentário em post de blog. Obá. **Candomblé: O Mundo dos Orixás**. 12 de fevereiro de 2012. Disponível em <https://ocandomble.com/os-orixas/oba/#comment-70978>. Acesso em 20/05/2021.

WEDEKIN, L. M. Santa Catarina de Alexandria de Rodrigo de Haro: um exercício warburgiano de diálogo entre referências iconográficas. **Anais do XII seminário leitura de imagens para a educação: múltiplas mídias**, Florianópolis, pp. 35 – 49. 29 de Novembro de 2019.